

As ataduras em *As doenças do Brasil*, romance de Valter Hugo Mãe

Josalba Fabiana dos Santos

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Brasil

josalba@academico.ufs.br

Antes e depois de um livro há uma série de textos em seu redor com diferentes funções; esses são os paratextos e estão sempre presentes em maior ou menor grau. *As doenças do Brasil*, do escritor português Valter Hugo Mãe, chama a atenção porque agasalha paratextos em profusão: títulos (do romance, das partes e dos capítulos), sumário, prefácio, epígrafes, dedicatória, posfácios, apresentação do autor e do livro (na quarta capa). Este trabalho menciona praticamente todos esses paratextos, no entanto, a partir do título do romance e sobretudo da palavra doenças (físicas e/ou metafóricas), concentra sua reflexão nas epígrafes, na dedicatória e nos posfácios. Os referenciais teóricos, entre outros, são *Doença como metáfora* (1978), de Susan Sontag, *Paratextos editoriais* (1987), de Gérard Genette, e *O trabalho da citação* (1996), de Antoine Compagnon.

Palavras-chave: título; epígrafes; posfácios; paratextos; *As doenças do Brasil*; Valter Hugo Mãe.

Cómo citar este artículo (MLA): dos Santos, Josalba. “As ataduras em *As doenças do Brasil*, romance de Valter Hugo”. *Literatura: teoría, historia, crítica*, vol. 26 núm. 1, 2024, págs. 221-250.

Artículo original. Recibido: 30/05/23; aceptado: 12/09/2023. Publicado en línea: 01/01/2024.



Los vendajes en *As doenças do Brasil*, novela de Valter Hugo Mâe

Antes y después de un libro hay una serie de textos a su alrededor con distintas funciones; estos son los paratextos y siempre están presentes en mayor o menor medida. *As doenças do Brasil*, del escritor portugués Valter Hugo Mâe, llama la atención porque contiene una profusión de paratextos: títulos (de la novela, de las partes y de los capítulos), resumen, prefacio, epígrafes, dedicatoria, epílogos, presentación del autor y del libro (en la cuarta portada). En este trabajo se mencionan prácticamente todos estos paratextos; sin embargo, aunque parte del título de la novela y sobre todo de la palabra *enfermedades* (físicas o metafóricas), centra su reflexión en los epígrafes, la dedicatoria y los epílogos. Los referentes teóricos, entre otros, son los estudios de Susan Sontag (1978), Gérard Genette (1987) y Antoine Compagnon (1996).

Palabras clave: título; epígrafes; después de las palabras; paratextos; *As doenças do Brasil*;

Valter Hugo Mâe.

The Bandages for *As doenças do Brasil*, Novel by Valter Hugo Mâe

Before and after a book there is a series of texts around it with different functions; these are the paratexts and they are always present to a greater or lesser extent. *As doenças do Brasil*, by the Portuguese writer Valter Hugo Mâe, draws attention because it contains paratexts in profusion: titles (of the novel, of the parts and of the chapters), summary, preface, epigraphs, dedication, afterwords, presentation of the author and of the book (on the back cover). In this work is mentioned practically all these paratexts; however, despite it starts from the title of the novel and above all the word *diseases* (physical and/or metaphorical), it focuses its reflection on the epigraphs, the dedication, and the afterwords. The theoretical references, among others, are the studies of Susan Sontag (1978), Gérard Genette (1987), and Antoine Compagnon (1996).

Keywords: title; epigraphs; afterwords; paratexts; *As Doenças do Brasil*; Valter Hugo Mâe.

Introdução

Valter Hugo Mãe possui uma grande versatilidade: é cantor, artista plástico, poeta, contista e romancista. O escritor português publicou os seguintes romances: *o nosso reino* (2004), *o remorso de baltazar serapião* (2006), *o apocalipse dos trabalhadores* (2008), *a máquina de fazer espanhóis* (2010),¹ *O filho de mil homens* (2011), *A desumanização* (2013), *Homens imprudentemente poéticos* (2016) e *As doenças do Brasil* (2021) —objeto deste estudo—.

As doenças do Brasil se desenvolve a partir da história de Honra, um indígena Abaeté² nascido de um estupro causado a sua mãe por um branco. Nada é aleatório nessa história, o nome do protagonista tampouco. Restaurar a honra é o que ele busca, uma vingança pela dor causada a sua mãe, a sua aldeia e a ele próprio. Por estas razões, é preciso tornar-se guerreiro, lutar contra os colonizadores, estrangeiros e estranhos que surgem repentinamente no meio da mata. Todos os que são outros são vistos como inimigos e animais: o português é a fera branca; Meio da Noite, um escravizado em fuga igualmente é uma fera. Todavia, com o passar do tempo, o rapaz negro vai sendo acolhido e até estimado. Pouco a pouco Honra percebe que ambos estão do mesmo lado, ainda que se mantenham diferentes. Se observa assim uma aparente inversão histórica, pois os indígenas, sempre desumanizados pelos brancos, são aqueles que desumanizam. No entanto, não se trata exatamente de uma inversão, haja vista que os brancos não são quaisquer animais, são feras e, sobretudo, são inimigos. De modo que os indígenas, pessoas acostumadas à convivência com uma fauna bastante profícua e nem sempre amistosa, veem os portugueses como ameaças às suas existências. Afinal,

“À educação para o mal da sociedade branca, às matanças coloniais e à destruição dos recursos naturais e animais, opõe-se à educação para o bem dos abaeté” (Nogueira 1). Para além dessa grande alteridade, Honra é também um outro para sua aldeia: nem indígena nem branco, é o feio. Para ele, a cor da sua pele é mais do que um incômodo: “Sou branco. E esta cor não é cicatriz, é ferida e não sara”. (Mãe 34)

1 Os romances iniciais de Valter Hugo Mãe foram grafados por ele em minúsculas.

2 Utiliza-se iniciais maiúsculas e o singular para as etnias em conformidade com a antropologia, mas registra-se que, no romance, o autor utiliza as iniciais minúsculas e assim foi mantido.

Tal frase, como outras no romance, repercute o título, afinal, o verbo sarar aponta para seu contraponto. Como se verá, as doenças estão presentes direta ou indiretamente em outros paratextos: no prefácio, epígrafes e posfácios. Essa palavra é assim uma constante que atravessa todo o livro e assume diferentes sentidos.

O título

As doenças do Brasil foi lançado no final do ano de 2021, quando o planeta ainda vivia sob os problemas mais graves causados pela Covid-19, uma enfermidade que no Brasil deixou um rastro de mais de 700 mil pessoas mortas. Um leitor que nunca tivesse tomado conhecimento de Valter Hugo Mãe e não estivesse familiarizado com a literatura poderia pensar no seu título como uma referência a essa e outras doenças, a um tratado científico ou algo nessa direção. A capa não elucida se tratar de um romance, como acontece com muitos outros do gênero na contemporaneidade. Tal informação só aparece na ficha catalográfica —sendo que sua leitura não é uma atividade corriqueira para a maioria das pessoas—.

Segundo Genette, o título é o nome do livro (76). Já para Compagnon é: “a porta de entrada [...]” (106) e “a [sua] função primeira [...] é a de referência. Ele evoca todo um texto por um signo que o comprehende, sem que este seja sobrecarregado de alguma outra propriedade” (106). Genette havia tocado nesse aspecto quando afirmou que o título identifica a obra (73) e vai além, pois indica seu conteúdo, pode valorizá-la e até mesmo atrair o público (73). Na verdade, nem sempre o título indica de forma clara o conteúdo, muitas vezes o leitor terá que percorrer todo o livro para poder interpretar seu título de forma mais ou menos clara; é, em termos, o caso de *As doenças do Brasil*. E se diz em termos porque não se trata apenas de compreender sua denominação a partir do seu conteúdo —ainda que seja o caso—, mas também a partir de seus paratextos, inclusive os finais. Outra função do título, ainda segundo Genette (74), é a sedução ou valorização, mas, dado o aspecto subjetivo, muitas vezes o objetivo não será alcançado. Afinal, à tentativa de sedução nem sempre haverá correspondência por parte do leitor, pois é ele quem dá sentido ao lido —sentido que muitas vezes não se coaduna com o do escritor—. Isso sem falar nas eventuais decepções ao

percorrer o conteúdo de um romance cujo título possa ter parecido muito atraente no primeiro momento.

O título pode se colocar como um enigma, provavelmente o primeiro enigma a ser desvendado: “[...] um bom título diria o suficiente para atiçar a curiosidade, mas pouco para não saturá-la” (Genette 86). Portanto, de quais doenças o título escolhido por Valter Hugo Mãe estaria falando? A Covid-19 seria uma delas? Doenças estariam ali no sentido físico do termo ou seriam metáforas? Em se tratando de obra literária, parece ser a metáfora a maior tendência. Metáforas, pois a palavra-chave do título está no plural. Susan Sontag se debruçou sobre o uso metafórico da doença: “meu tema não é a doença física em si, mas os usos da doença como figura ou metáfora” (Sontag 11). Como se verá em uma das partes finais deste trabalho, Mãe parece ter pensado também nas doenças físicas que os portugueses espalharam entre os indígenas. No entanto, o viés metafórico é evidente desde as epígrafes. Epígrafes reafirmadas no conteúdo quando, por exemplo, a cor de Honra deve ser tratada como se uma doença fosse: “para apaziguar sua pele, a mãe lhe tinha feito todos os tratamentos e pedidos. Por um tempo, Honra mesmo se convenceu de sofrer de alguma enfermidade que curaria pela generosidade de alguma erva [...]” (Mãe 43).

Para refletir sobre o título, é necessário, portanto, refletir sobre suas epígrafes, o prefácio, da escritora brasileira Conceição Evaristo, os posfácios e o conteúdo do romance, tendo o foco nos paratextos, pois se pretende demonstrar que ocupam um papel fundamental, complementam o texto com algo que uma vez lá já não pode ser suprimido. Pensa-se o suplemento aqui de forma análoga àquela apontada por Jacques Derrida em *A farmácia de Platão* (1972). O filósofo franco-magrebiano, nesse livro, mostra que para a filosofia antiga (ou parte dela) a escritura seria uma espécie de suplemento da fala, o que poderia ser um risco:

Por que o suplemento é perigoso? Ele não o é, se assim se pode dizer, em si, no que nele poderia se apresentar como uma coisa, como um ente-presente. Ele seria então tranquilizador. O suplemento aqui não é, não é um ente [...]. Mas ele não é também um simples não-ente [...]. Seu deslizar o furta à alternativa simples da presença e da ausência. Tal é o perigo. E o que permite ao tipo se fazer passar pelo original. Desde o momento em que o fora de um suplemento é aberto, sua estrutura implica que ele possa ele mesmo se fazer

“tipar”, substituir-se por seu duplo, e que um suplemento de suplemento seja possível e necessário. [...] e a escritura aparece a Platão (e após ele, a toda a filosofia que se constitui como tal nesse gesto) como uma *sedução* fatal de reduplicação: suplemento de suplemento, significante de um significante, representante de um representante. (Derrida 56)³

Derrida explica por meio do conceito de suplemento a aversão de Platão pela escritura. Naturalmente não é a dele próprio, tampouco a deste estudo. O interesse é pela definição em si, pois contribui para o entendimento de que a suplementação indicada pelas epígrafes complementa e se complementa com e no romance de Valter Hugo Mãe como se verá neste percurso.

O prefácio

A escritora brasileira Conceição Evaristo é quem assina o prefácio. Em um livro no qual uma das personagens em destaque é o jovem negro Meio da Noite, não parece casual que a prefaciadora seja uma pessoa igualmente negra. Como tampouco é casual que duas das cinco epígrafes sejam de lideranças indígenas de grande visibilidade, inclusive internacional. Para além dessas questões, trata-se de uma renomada e premiada escritora de romances, contos e poemas, o que empresta mais valor para *As doenças do Brasil* —o mesmo ocorre com o próprio Valter Hugo Mãe, também bastante laureado—.

Conceição Evaristo se indaga sobre o título escolhido pelo autor:

Seria um livro de medicina? Surgido em tempos de covid e de mortes, tende-se a pensar que se trata de uma temática médica. Surpresa maior é apresentada nas páginas iniciais. Fragmentos de cartas consideradas documentos históricos relativos à descoberta do Brasil e do período Brasil Colônia são apresentados, assim como trechos de falas de líderes indígenas da contemporaneidade, desfazendo qualquer dúvida sobre o porquê do título do romance. (Evaristo *apud* Mãe 7-8)

³ Os destaques são do autor Jacques Derrida.

Antes de se chegar ao texto de Mãe já se tem uma interpretação para o título, ou melhor, Conceição Evaristo não afirma seu significado, mas aponta para a possibilidade de que as epígrafes contêm a resposta.

As epígrafes

Gérard Genette define a epígrafe

como uma citação colocada em exergo, em destaque, geralmente no início de obra ou parte de obra: “em exergo” significa literalmente *fora* da obra, o que é uma coisa exagerada: no caso, o exergo é mais uma *borda* da obra, geralmente mais perto do texto. (Genette 131)⁴

Sobre sua localização, o teórico aponta: “geralmente na primeira página par apóis a dedicatória, mas antes do prefácio” (Genette 135). E, mais importante, ainda segundo Genette: “epigrafar é sempre um gesto mudo cuja interpretação fica a cargo do leitor” (141). Nem por isso o teórico se furtaria a listar algumas funções: justificar o texto (141), explicar o texto (142) e o seu autor (143). A identidade do autor da epígrafe —assim como levantado no caso do prefácio— imprimiria um certo brilho ao livro (143).

Já o teórico belga Antoine Compagnon se refere à epígrafe como

um símbolo (relação do texto com um outro texto, relação lógica, homológica), um índice (relação do texto com um autor antigo, que desempenha o papel de protetor, é a figura do doador, no canto do quadro). Mas ela é, sobretudo, um ícone, no sentido de uma entrada privilegiada na enunciação. É um diagrama, dada a sua simetria com a bibliografia de que é precursora (um índice e uma imagem). Porém, mais ainda, ela é uma imagem, uma insígnia ou uma decoração ostensiva no peito do autor. (Compagnon 120)

Como visto, Compagnon destaca o papel decorativo da epígrafe, mas a decoração não a reduz a mero enfeite. A escolha dos adornos, no caso de *As doenças do Brasil*, deixa muito nítido quais foram os vieses que Valter Hugo Mãe quis imprimir ao seu romance. É o mesmo Compagnon quem

4 Os destaques são de Genette.

arremata: “a epígrafe representa o livro —apresenta-o como seu senso ou seu contrasenso—, infere-o, resume-o. [...] é um grito, uma palavra inicial, um limpar de garganta antes de começar realmente a falar, um prelúdio ou uma confissão de fé” (121). É justamente essa confissão de fé que as epígrafes de Mâe anunciam. E o teórico belga acrescenta mais uma camada a sua definição quando afirma a epígrafe como uma base, rampa, trampolim e plataforma (Compagnon 121). Nessa medida, epigrafar dá sustentação ao livro.

Se se concorda com Compagnon quando diz que a epígrafe é “uma citação – a citação por excelência” (35 e 120), há de se concordar igualmente quando afirma que citar desagrega o texto e o destaca do contexto (Compagnon 13), porque o mesmo pode ser dito da epígrafe. Portanto, a epígrafe é parte de um texto a ser lido em um novo contexto, pois a organização original foi alterada (Compagnon 14). Em outras palavras, epigrafar é repetir (Compagnon 14), mas para dizer outra coisa, posto que, como toda repetição, ela é sempre já uma outra, foi recortada e organizada com um novo pano de fundo. Por consequência, a epígrafe atribui valor diferenciado inclusive ao texto de origem (Compagnon 15). De certa forma, expande e divulga o texto original e seu autor porque lhe dá novo sentido. Logo, seu papel é duplo: adiciona valor ao texto de onde foi extraída e àquele no qual foi inserida. Nada disso significa afirmar que a epígrafe, como citação por excelência não seja: “um corpo estranho [...], como o enxerto de um órgão, comporta um risco de rejeição” (Compagnon 37). Portanto, pode ser assimilada ou refutada pelo leitor. A epígrafe depende de um esforço de leitura, de uma tentativa mínima de dar sentido, de estabelecer relações com o romance que está por vir; por consequência, ela precisará ecoar no seu conteúdo.

São cinco as epígrafes de *As doenças do Brasil*, estão todas localizadas antes do seu início, apresentam-se em ordem cronológica, depois do prefácio e antes da dedicatória —portanto não seguem a generalização comentada por Genette (135)—. A inicial é de Pero Vaz de Caminha; a segunda, de Frei Vicente do Salvador; a terceira, do Padre António Vieira; a quarta, de Davi Kopenawa; e a última, de Ailton Krenak. Dois notórios cronistas, um sacerdote que também era um pouco cronista e duas lideranças indígenas bastante ativas na contemporaneidade. Portanto, todos esses autores abrilhantam o romance, como queria Genette (143). No trecho da *Carta* (1500) de Caminha ao Rei D. Manuel, destaca-se a confiança crescente dos indígenas em relação aos portugueses. Na narrativa desenvolvida por Mâe, já o elo dessa confiança

fora rompido. Enquanto no excerto de *História do Brasil* (1627), Frei Vicente do Salvador trata do afã português em carregar tudo quanto se podia e o descaso em se construir algo para o bem público. Em uma passagem do *Sermão da Visitação de Nossa Senhora* (1638), Padre Vieira reforça o que já havia dito o frade elaborando uma metáfora na qual o Brasil seria um doente e os portugueses, a doença, porque pilhavam tudo da terra que pertenceria ao império de além-mar. A epígrafe de Vieira estabelece assim uma conexão direta com o título do livro de Mãe. Logo, inicia-se o romance com uma indicação de que doença se tratará ali —conforme anunciado no prefácio de Conceição Evaristo—. Segundo Compagnon, “[...] o labirinto é [...] uma rede de citações em ação” (44). Cinco epígrafes em sequência também compõem um labirinto. Por isso, não é possível garantir que o sentido do título esteja plenamente resolvido, há ainda todo o labirinto do romance a percorrer.

Em um salto de quase quatro séculos e em total inversão de perspectiva, passa-se aos líderes dos povos originários. No trecho de *A queda do céu* (2015), Davi Kopenawa coloca a memória indígena em pé de igualdade com a inteligência dos brancos, o que pode ser interpretado, neste contexto, como um aviso de não esquecimento do que foi feito contra o seu povo. O conteúdo geral do romance de Mãe dialoga bastante com Kopenawa, pois resgata o passado colonial e o presentifica não como história, mas como memória possível. Esse diálogo se mantém com o excerto de *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), a última epígrafe, na qual Ailton Krenak põe em dúvida a civilização como verdade absoluta e, portanto, patamar a ser desejado e alcançado por todos, inclusive os indígenas.

É importante destacar que nenhuma dessas citações são de obras de ficção. Ponto interessante, pois pode aumentar a credibilidade no conteúdo do romance. Naturalmente esse aumento de credibilidade não se dá no sentido de transformar uma peça ficcional em transposição de um fato real, mas sim no sentido de aproximar aquilo que se diz como ficção daquilo que se viu (e se vê) na realidade.

Há ainda outro aspecto a ser mencionado: o conjunto das epígrafes apresentadas dá uma amostra das referências, da bi(blio)grafia⁵ de Mãe, ou seja, de parte das leituras que empreendeu e que vieram a sua memória no momento da escrita ou do encerramento do romance.

5 Expressão utilizada por Compagnon (112 e ss.).

A primeira

A epígrafe inicial é um recorte da *Carta* (1500) de Caminha e, como se sabe, faz parte do gênero epistolar, mas tem aspectos que a aproximam de um diário de viagem, como a datação, a descrição da paisagem e dos habitantes encontrados no percurso, por exemplo. Segue a reprodução do excerto tal qual está em *As doenças do Brasil*:

Andariam na praia, quando símos, oito ou dez deles e d'í a pouco começaram de viir. E parece-me que viinram este dia aa praia quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Traziam alguns deles arcos e seetas e todos deram por carapuças e por qualquer cousa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos e bebiam alguns deles vinho e outros o não podiam beber; mas parece-me que, se lho avezarem, que o beberão de boa vontade. Andavam todos tão despostos e tão bem feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam dessa lenha quanta podiam, com mui boas vontades, e levavam-na aos batees. E andavam já mais mansos e seguros ante nós do que nós andéavamos antr'eles. (Caminha *apud* Mâe 13)

Além da descrição da cena apresentada, há dois pontos a serem destacados: a oferta de vinho aos indígenas e a sua boa disposição em servir aos recém-chegados.

A bebida alcoólica foi um elemento constantemente utilizado pelos europeus para a sedução e corrupção das comunidades indígenas nas Américas. Tratava-se de uma oferta aparentemente cortês e generosa de aproximação, de estabelecimento de contatos iniciais. Desconhecedores dos efeitos do álcool, os povos originários bebiam muitas vezes sem medida. Tornavam-se assim sujeitos a toda sorte de infortúnios: da dependência, materializada na troca do trabalho ou do sexo por mais bebida; da desagregação social e cultural na relação entre os membros das aldeias; no distanciamento ou abandono das atividades necessárias à subsistência, como o plantio, a pesca e a caça.

O outro ponto destacado, uma certa boa vontade dos indígenas em ajudar aos portugueses no trabalho pesado, igualmente aponta para a submissão. Tanto a hospitalidade dos povos originários quanto a concordância em beber vinho, ao menos por parte de alguns, fazem com

que o escrivão conclua que se estabeleceu ali uma relação de confiança. No entanto, essa confiança não é recíproca nem importa que o seja, o que importa é que de alguma maneira os povos originários se submetam aos portugueses, porque assim não seriam empecilhos ao projeto colonial e ainda poderiam contribuir para sua realização. Nesse sentido a *Carta* chega a ser premonitória, porque de fato é o que acontecerá, para pujança do império e derrocada dos indígenas.

Em termos do conteúdo do romance, é possível constatar um nítido eco dessa primeira epígrafe:

Alguns brancos bebiam estranhos sangues azedos e emocionavam por folias, fúrias e até sono. Bebiam os sangues e queriam partilhá-los com os abaeté que, imediatamente, entenderam ser tocaia, venenos corruptores, e não beberam mais. Frustraram e temeram. Outros brancos recolhiam aqueles que emocionavam e os amarravam no bojo das pirogas gigantes, de onde emanavam fogos e fumos e dos quais os de pele vermelha tiveram sempre algum receio. Uma noite, um branco que bebeu o estranho sangue azedo quis tomar uma feminina que fugiu com seus atributos mata adentro. O branco, sucumbindo, empunhou o até então desconhecido grito de ferro e cuspiu. Cuspiu na mata já escura que estremeceu ao ruído jamais escutado de uma arma tão cruel. (Mãe 120-121)

Aquela relação de confiança mencionada no excerto da *Carta* se esvai. Os Abaeté compreendem as implicações do vinho (“sangues azedos”) e o refutam. No entanto, um dos invasores bebe excessivamente e tenta estuprar uma das mulheres da comunidade. Ela foge e ele atira na sua direção. É assim que a aldeia tem contato pela primeira vez com uma arma de fogo. A situação ilustra o outro lado da epístola de Caminha, o lado das vítimas da colonização. Mesmo quando recusam o álcool, terminam por colher seus frutos ruins: a tentativa de estupro e de assassinato de uma das mulheres da aldeia e o temor de que cenas como essa se repitam —e elas se repetem—.

Desde a página inicial de *As doenças do Brasil* é evidente que há uma relação de desconfiança com a presença branca: “porque aquilo que entoamente” (Mãe 23). Os gestos dos portugueses vão sempre na direção de enganar para facilitar a pilhagem. As próximas epígrafes evidenciam ainda mais quais eram os projetos dos colonizadores e o que os moviam.

A segunda

O excerto da *História do Brasil* (1627), livro de Frei Vicente do Salvador, compõe a maior de todas as epígrafes e por essa razão será recortada e resumida. O autor começa descrevendo o motivo de o Brasil se chamar inicialmente de Santa Cruz e porque teria perdido esse santo nome e ficado reduzido ao qual conhecemos até os dias de hoje. Brasil é uma referência ao pau-brasil, planta “de cor abrasada e vermelha, com que tingem panos” (Salvador *apud* Mâe 13). A troca no nome teria ocorrido por artes do demônio, o que tornou o território “tão pouco estável, que com não haver hoje 100 anos, quando isto escrevo, que se começou a povoar, já se há despovoado alguns lugares” (Salvador *apud* Mâe 13-14). Tal problema, além de ter as artimanhas do demônio, é atribuído à displicência de alguns reis de Portugal e, especialmente, aos povoadores,

os quais por mais arraigados, que na terra estivessem, e mais ricos que fossem, tudo pretendiam levar a Portugal, e se as fazendas e bens que possuíam soubessem falar também lhes haveriam de ensinar a dizer como os papagaios, aos quais a primeira coisa que ensinam é papagaio real para Portugal; porque tudo querem para lá, e isto não tem só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceram, que uns e outros usam da terra, não como senhores, mas como usufrutuários, só para a desfrutarem, e a deixarem destruída. (Salvador *apud* Mâe 14)

A pouca importância dada pelos reis de Portugal, somada ao apreço pelo desfrutar dos povoadores, explicam de forma sintética o projeto colonizador no território brasileiro: carregar tudo, não deixar nada e não construir nada. O jogo de palavras contido na expressão “papagaio real para Portugal” é significativo da mentalidade exploratória vigente: levar o melhor e abandonar o que fosse considerado sem importância.

Não há por parte desses povoadores nenhuma preocupação com o que é público, apenas com o bem particular.

assim é, que estando as casas dos ricos / ainda que seja a custa alheia, pois muitos devem quanto têm / providas de todo o necessário, porque tem escravos, pescadores, caçadores, que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho e de azeite, que compram por junto: nas vilas muitas vezes se não acha isto a venda. Pois o que é fontes, pontes, caminhos e outras coisas públicas é uma

piedade, porque atendo-se uns aos outros nenhum as faz, ainda que bebam água suja, se molhem ao passar dos rios, ou se orvalhem pelos caminhos, e tudo isto vem de não tratarem do que há cá de ficar, senão do que hão de levar para o reino. (Salvador *apud* Mãe 15)

A epígrafe de Frei Vicente de Salvador é o retrato do segundo capítulo da colonização que fora rascunhada no excerto da *Carta de Caminha*. Na epístola se desenhou o projeto e no trecho da *História do Brasil*, a implementação. As intenções dos portugueses estavam postas desde o documento do ano de 1500: descobrir as riquezas da terra e conseguir quem as carregasse para as naus. O cronista mostra que as primeiras riquezas encontradas estão sendo pilhadas e que há quem facilite o transporte para o reino: os escravos (negros e indígenas).

As doenças do Brasil espelha esse afã pelo enriquecimento fácil dos portugueses: “A fome dos bichos é mais digna do que a ganância do branco” (Mãe 93). É Meio da Noite, um ex-escravizado, quem faz a afirmação, afinal, ele sabe mais do que ninguém do que está falando.

A terceira

A epígrafe central do romance de Mãe é um excerto do *Sermão da visitação de Nossa Senhora* (1638), de Padre António Vieira. Como a segunda, é um pouco extensa, portanto, será recortada.

Um sermão seria facilmente classificado dentro do discurso religioso, mas é possível afirmar que esse é apenas o invólucro, pois, como se verá a seguir, os fins se distanciam bastante do reino dos céus e se aproximam bem mais de denúncia ao reino terrestre.

O sacerdote discorre sobre a causa da enfermidade do Brasil em uma comparação com o pecado original. Como é a primeira parte desta comparação que interessa para o desenvolvimento deste trabalho, é nela que estará o foco.

esta é a causa original das doenças do Brasil: tomar o alheio, cobiças, interesses, ganhos e conveniências particulares, por onde a justiça se não guarda, e o Estado se perde. Perde-se o Brasil, Senhor digamo-lo em uma palavra porque alguns ministros de S. Majestade não vêm cá buscar o nosso bem, vêm cá buscar nossos bens. (Vieira *apud* Mãe 16)

Vieira é ainda mais específico sobre quem perde com a pilhagem: “Este tomar o alheio, ou seja o do rei ou o dos povos, é a origem da doença” (Vieira *apud* Mãe 16). Logo, o padre se utiliza de uma metáfora para demonstrar que a causa dos problemas do Brasil consistiria em ter todos os seus bens carregados para Portugal, mas não para o rei daquele país, o que ele parece considerar legítimo, e sim para regozijo de indivíduos, de particulares. Se se afirma parecer a Vieira legítimo que as riquezas do Brasil sejam vertidas para benefício do rei, é porque, além de fazer notar que o próprio monarca perde, também pode estar constituindo uma argumentação em prol de sensibilizá-lo a tomar uma atitude contra o que ocorre na sua colônia. O sacerdote acrescenta uma camada à metáfora da doença tornando-a uma hipérbole quando afirma que os maus tratos com o paciente, no caso o Brasil, são tão grandes que: “[...] faltando a justiça punitiva para expelir os humores nocivos, e a distributiva para alentar e alimentar o sujeito, sangrando-o por outra parte os tributos em todas as veias, milagre é que não tenha expirado” (Vieira *apud* Mãe 16). Esse trecho reitera o que já foi mencionado: falta ao rei de Portugal tomar providências e punir àqueles que vinham pilhando a colônia.

Sem dúvida o mais importante na epígrafe de Vieira é a metáfora da doença, pois se relaciona de forma direta ao título do livro de Mãe, constitui-se como parte significativa de explicá-lo. Nos conselhos dados ao rei, ainda que formulados de maneira indireta (S. Majestade e não V. Majestade), o sacerdote evidencia o que ele considera o maior problema do Brasil: a exploração que não constrói, apenas destrói, o que remete à epígrafe anterior, a de Frei Vicente do Salvador (*apud* Mãe 14), que por sua vez remete à primeira de todas: os recém-chegados já iniciavam um processo de aliciamento dos povos indígenas por meio do vinho e os colocavam a seu serviço de forma quase imperceptível, portanto, exploravam como se não explorassem, estavam treinando suas futuras vítimas para o trabalho escravo. O desejo de conquista e pilhagem dos portugueses é travestido em metáfora da doença por Vieira, mas isso não é posto como um problema em si, como tão pouco o era para Frei Vicente do Salvador, o problema é o desvio, é o fato de que as riquezas não são para o fausto do rei, para o crescimento da sua colônia (sempre essa condição subalterna), mas para os cofres privados de indivíduos específicos. É por isso que a doença do Brasil é tomar o alheio, porque toma o que é do povo que vive na terra, mas de uma terra que pertence ao rei de Portugal. Nessa medida, Vieira reitera o título

de Valter Hugo Mãe como uma metáfora na qual as doenças não seriam padecimentos físicos aos quais os indivíduos estão sujeitos, seriam uma espécie de doença moral e legal que contaminaria até mesmo os nascidos na colônia. A ausência de punição facilitaria ainda mais a contaminação.

O desejo de ter sempre mais é reiterado em *As doenças do Brasil* outra vez por Meio da Noite: “As ilhas dos abaeté estavam finalmente encontradas, eram no caminho da cobiça branca, haveriam de ser sempre incomodadas” (Mãe 113). Essa doença de ganância tem sérias repercussões entre os indígenas, a mais evidente é a presença de Honra, filho de um estupro, de uma violência causada a sua mãe. Na lógica colonial, o estupro é parte do projeto de submeter os povos invadidos. Não à toa Boa de Espanto se refere ao estuprador como aquele que lhe “feriu um filho” (Mãe 102) e Honra pensa na cor da sua pele como uma ferida que necessita de cura (Mãe 56). A doença branca de cobiça se travestiu em Honra em uma doença física. Doença que no rigor não existe, doença enquanto metáfora. É como se Honra fosse a própria doença porque é filho, por parte de pai, de um branco.

A quarta

A antepenúltima epígrafe do romance é extraída de *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami* (2010), de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Trata-se do resultado de mais de dez anos de contato entre o antropólogo francês e os yanomami e se configura como um registro etnográfico e autoetnográfico. A liderança indígena narra sua história e a de seu povo com grande riqueza antropológica. Além disso, o livro de Kopenawa é bastante crítico às inúmeras invasões que os yanomami vêm sofrendo ao longo do tempo, às reiteradas mentiras, aos anseios por progresso a qualquer preço e à destruição da floresta. A epígrafe segue na íntegra:

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte. (Kopenawa *apud* Mãe 17)

Esta epígrafe destoa das anteriores porque marca uma alteração radical do seu narrador. Todos os anteriores eram brancos, dois nascidos em Portugal: Caminha e Vieira. Mais do que brancos, falavam como brancos e em defesa da ordem imposta pelo império. A presença de Kopenawa, assim como a de Krenak na última citação, altera sobremaneira esse ponto de vista. Abandona-se a voz hegemônica para que a última palavra seja dada pelos povos indígenas, ou para que esses começem a falar, porque são eles que falam no corpo do romance. Nesse gesto, o autor de *As doenças do Brasil* realiza parte de uma necessária e urgente reparação histórica. Primeiro recorta escritos de brancos que evidenciam os interesses coloniais e depois inclui autores vivos, contemporâneos, lideranças reconhecidas muito além dos seus próprios povos.

O xamã coloca os yanomami em pé de igualdade com os não indígenas. Na verdade, eleva-os alguns degraus acima, visto que não necessitam de palavras impressas (peles de imagens) para ajudá-los a lembrar. Para quem passou (e ainda passa) séculos sob ataque, manter a altivez em um aspecto no qual costuma ser atacado —a inteligência— não é de forma alguma desprezível. Afinal, os indígenas foram muitas vezes retratados como ingênuos, fáceis de manipular e enganar.

Entre as cinco citações utilizadas na abertura, é provável que seja essa a que mais dialoga com *As doenças do Brasil*. Diálogo que se dá no âmbito do conteúdo de forma geral. A epígrafe de Kopenawa trata da poderosa memória de seu povo, enquanto o livro de Mâe cria uma etnia ficcional, os Abaeté. Não existiu no Brasil um povo denominado Abaeté, mas, parece dizer a narrativa durante todo o tempo, poderia ter existido, porque as agruras pelas quais passam são as mesmas que outros grupos étnicos passaram (e passam). Portanto, em um certo sentido, o romance recupera —ou melhor, cria— uma memória que jamais existiu, porém, poderia ter existido. Ou seja, realiza um dos papéis da literatura, constrói um mundo possível, verossímil, pois não recorre a nenhum elemento fantástico ou maravilhoso. O contexto de *As doenças do Brasil* é o do território ainda sob o jugo da colonização portuguesa, todavia, o que se coloca aí em palavras persiste na realidade atual: povos originários sendo atacados diuturnamente de forma mais ou menos direta. O romance de Mâe não é apenas uma denúncia do período colonial, mas do momento presente.

Antes da última, a dedicatória

Preliminarmente à abordagem da quinta e última epígrafe são necessárias algumas outras informações na esfera dos paratextos para melhor compreensão do que virá. A primeira dessas informações se refere à quarta capa, além de uma breve apresentação de *As doenças do Brasil*, contém um texto de Ailton Krenak, não por um acaso o autor da última epígrafe:

O Valter Hugo Mãe me anima a paraquedas coloridos desde o outro lado do atlântico, com palavras que voam, fazem paráolas de afetos e sopram nos ouvidos. Afetos, poesia e mobilização de todo sentimento de solidariedade onde a terra clama por um ritmo pausado de conversas amigas. (Krenak *apud* Mãe)

Este pequeno texto na quarta capa, além dos elogios destinados ao escritor português, dialoga diretamente com *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), o livro de Krenak utilizado por Mãe como a última epígrafe do seu romance. O diálogo entre os textos se dá a partir dos paraquedas coloridos:

Por que nos causa tanto desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos a não ser despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos. (Krenak 30)

Tais paraquedas coloridos são uma metáfora que aponta para duas formas de cair, porque a queda é inevitável e já começou: uma na qual se cai de forma rápida e desordenada, sem paraquedas, e uma outra em que o impacto pode ser suavizado ou mesmo adiado pelos paraquedas. Note-se que são coloridos e imprimem algo de diversão e arte. Não se trata apenas de uma ideia para adiar o fim do mundo, o que se apresenta é a possibilidade de aproveitar, de desfrutar da tragédia e, quem sabe, fazer da tragédia um caminho para algo diferente. Além disso, é preciso insistir com Ailton Krenak, não é o caso de não cair, porque já se está em queda. E essa queda teria iniciado com a colonização e outras imposições da sociedade europeia sobre as culturas indígenas.

As doenças do Brasil é uma das muitas histórias que o período colonial produziu ou poderia ter produzido. Não à toa é dedicado a Ailton Krenak. E essa é a segunda informação que se deve obter antes de se refletir a respeito da última epígrafe. O romance é dedicado ao provavelmente líder indígena mais conhecido do grande público brasileiro e além-fronteiras na atualidade, pois é solicitado com certa constância por grandes veículos da imprensa para se colocar a respeito de seu povo em particular, de povos indígenas em geral, de meio ambiente, de política e de outros assuntos, assim como costuma ser convidado por universidades e outras instituições para conferências e palestras.

Genette afirma que o lugar da dedicatória no livro atualmente é “na primeira página ímpar depois da página de rosto” (2009, p. 117). Esse não é o caso em *As doenças do Brasil*, onde aparece após o sumário, o prefácio e as epígrafes. A dedicatória a Ailton Krenak está quase escondida, pois é posta em local discreto. Todavia, a descrição pode ser resultado das demais aparições, visto que o nome do líder indígena comparece na quarta capa e na última epígrafe, conforme já mencionado. Ainda segundo Genette (2009, p. 109), uma dedicatória é uma forma de prestar uma homenagem, uma homenagem simbólica, porque o autor não entregará de fato seu livro ao homenageado.⁶ Ao dedicar seu livro a Krenak, Valter Hugo Mãe revela o valor do indígena não somente na vida intelectual, cultural e social do Brasil, mas para ele próprio; pode mesmo revelar uma inspiração para sua escrita. Como Krenak é mais do que uma personalidade em si, ele é um representante dos seus, é possível considerar a hipótese de o seu nome funcionar como uma espécie de metáfora: ao demonstrar a admiração a esse indígena, o autor português estenderia sua admiração por todos os indígenas.

Para Compagnon, “é primeiramente nos arredores do texto que se trama sua receptibilidade” (105). Portanto, esses arredores “[...] valorizam-no: notas, índices, bibliografia, mas também prefácio, prólogo, introdução, conclusão, apêndices, anexos. São as rubricas de uma *dispositio* nova que permitem julgar o volume sem o ter lido” (Compagnon 105). Compagnon não menciona a dedicatória, mas aqui se toma a liberdade de acrescentá-la, pois, como nos demais exemplos, trata-se de mais um paratexto e igualmente agrega valor ao romance. *As doenças do Brasil* é dedicado a Ailton Krenak, cita um texto

6 Em seu estudo, Genette menciona também a dedicatória feita pelo escritor em um exemplar, isto é, a dedicatória manuscrita.

seu como epígrafe e imprime um parágrafo dele elogioso a Mãe na quarta capa. O romance é assim lastreado, assegurado, recebe maior grandeza com essa ilustre presença. No entanto, é preciso lembrar que não se está falando de um escritor estreante ou pouco conhecido. O autor português goza de notoriedade por si só. Nessa medida, perde-se, ao menos em termos, a ideia de quem realmente valoriza quem: Mãe a Krenak ou Krenak a Mãe?

Diante do conteúdo do romance é possível afirmar que há uma denúncia. Denuncia-se as raízes do genocídio dos indígenas —ou da queda, no sentido posto em *Ideias para adiar o fim do mundo*—. Assim, homenagear Krenak, conforme dito anteriormente, é homenagear os povos originários e o seu poder de resistência, uma resistência feita com palavras e corpos. Segundo Genette: “O dedicatário público é uma pessoa mais ou menos conhecida, mas com quem o autor expressa, através de sua dedicatória, uma relação de ordem pública: intelectual, artística, política ou outra” (Genette 121). No caso de Krenak, as relações mais evidentes são as intelectuais e as políticas, são elas que inspiram o romance —a sua escrita, a sua leitura ou talvez a ambas—. A propósito da inspiração, é ainda Genette quem afirma:

Não se pode, no limiar ou no término de uma obra, mencionar uma pessoa ou uma coisa como destinatário privilegiado sem invocá-la de alguma maneira, como outrora o bardo invocava sua musa (que não era responsável) e, portanto, implicá-la como uma espécie de inspirador ideal. “Para Fulano” comporta sempre uma parte de “Por Fulano”. O dedicatário é sempre, de alguma maneira, responsável pela obra que lhe é dedicada, e à qual ele leva, *volens nolens*, um pouco de seu apoio e, portanto, de sua participação. (Genette 124-125)

Participação efetivada mais uma vez na epígrafe a seguir.

A quinta

A última epígrafe, como se disse na parte anterior, é um excerto de *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak. Neste pequeno livro —são apenas cento e duas páginas—, o pensador discorre, entre outros temas, sobre o progresso e a civilização. Assim como a epígrafe de Kopenawa foi transcrita na íntegra, essa também o será:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisa ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. (Krenak *apud* Mâe 17)

O tom irônico disseminado nas palavras é evidente. Krenak aponta para um dos sustentáculos da colonização: a missão civilizatória. Os europeus não teriam colonizado outros continentes pelo desejo de pilhagem exposto nas três epígrafes iniciais —pilhagem atenuada, visto seus autores se posicionarem a partir de outro ponto de vista—. A colonização teria um objetivo maior e mais digno: civilizar os não civilizados, civilizar os bárbaros, os selvagens. A civilização seria mais do que o modo de vida dos europeus, seria o único jeito correto de se viver, tão correto que deveria ser compartilhado, fomentado e até se tornar obrigatório para o mundo todo. Em *O processo civilizador* (1939), Norbert Elias afirma:

as nações [europeias] consideram o *processo* de civilização como terminado em suas sociedades; elas são as transmissoras a outrem de uma civilização existente ou acabada, as porta-estandartes da civilização em marcha. [...] E a consciência de sua própria superioridade, dessa “civilização”, passa a servir pelo menos às nações que se tornaram conquistadoras de colônias e, por conseguinte, um tipo de classe superior para grandes segmentos do mundo não-europeu, como justificativa de seu domínio, no mesmo grau em que antes os ancestrais do conceito de civilização, *politesse* e *civilité*, serviram de justificação à aristocracia de corte. (Elias 64)

O modelo por excelência a ser seguido era o das grandes monarquias europeias. Dali emanaria a forma de refrear os instintos, de se vestir, de comer e de beber. Além da esfera dos costumes, a ideia de civilização impregnou a própria constituição do Estado nacional moderno. Daí decorre que o conceito de nação no sentido no qual se toma hoje foi cunhado no século XIX. E os princípios de polidez e civilidade, disseminado e desejado pela burguesia, incrusta-se na sociedade daquele continente a

partir do século XVIII, portanto, são posteriores à grande parte do período colonial nas Américas.

Impérios anteriores a esse período, Espanha e Portugal não deixaram de constituir seu próprio álibi para as invasões nas quais se atiraram: a expansão da fé cristã no mundo pagão. A propósito, não constituíram um novo álibi, reproduziram o utilizado na Idade Média pelos cruzados. Assim sendo, “[...] a despeito de toda a sua secularização, o lema ‘civilização’ conserva sempre um eco da Cristandade Latina e das Cruzadas de cavaleiros e senhores feudais” (Elias 67). Esse eco se fez sobre a necessidade de se dissimular objetivos econômicos e de poder político em nome de missões consideradas nobres pelo grosso da população europeia da época. Primeiro esse povo foi persuadido de que o morticínio e o saque dos quais foi partícipe se faziam em nome de Cristo e mais tarde em nome da civilização. Nos dois casos havia razões culturais, históricas e econômicas para se deixar persuadir. Aqueles que participaram direta ou indiretamente da colonização não o fizeram apenas por questões ideológicas, foram movidos pelo ideal de uma vida melhor ou pelo enriquecimento fácil.

O apelo à civilização não era apenas um eco da expansão da fé cristã, tratava-se de um novo produto a ser oferecido aos não-europeus e não apenas um produto a ser adquirido no sentido material, mas um produto intelectual com tal capacidade de persuasão que contaminou o pensamento até mesmo da *intelligentsia* latino-americana. Quando essas ideias foram disseminadas, tiveram tal aceitação que, segundo Walter Mignolo, “seus próprios intelectuais, como Domingo Faustino Sarmiento, da Argentina, se auto-intitularam líderes de uma missão civilizadora em seu próprio país, abrindo assim as portas para uma longa história de colonialismo intelectual interno” (Mignolo 87). Não por um acaso Sarmiento publicou um livro com o título *Facundo: Civilização e barbárie* (1845). Uma nova ordem mundial começava assim a se desenhar com outros países, mas ainda a partir da Europa.

A emergência da “missão civilizadora”, que desloca a “missão cristã” do colonialismo inicial resume essa mudança no sistema mundial moderno e estabelece a primeira articulação de fronteiras internas: as fronteiras entre dois impérios em decadência (Espanha e Portugal), a ascensão do Império Britânico e do colonialismo francês e a consolidação da Alemanha como uma terceira nação poderosa na Europa Ocidental. (Mignolo 88)

Os efeitos dessa mudança ainda são vigentes e seus danos são incalculáveis. Imbuídos de uma missão civilizadora, intelectuais, como Sarmiento e tantos outros, passaram a desprezar as raízes ameríndias e africanas de tal forma que isso atingiu a arquitetura, a alimentação, as leis que proibiram certos costumes considerados bárbaros —como não usar calçados—, o sistema educacional. Tudo isso se disseminou pela sociedade a ponto de justificar a violência e o extermínio. A violência e o extermínio que já aconteciam, mas que, a partir de então, ganharam uma motivação civilizacional. Nas Américas, por via de um interessante mecanismo de persuasão intelectual, muitos estavam convencidos de que era preciso ir na direção de uma europeização do continente.

A população indígena e as pessoas advindas da África que foram trazidas para o território brasileiro, grupos contemplados com o protagonismo em *As doenças do Brasil*, seriam o alvo privilegiado da missão europeia. Era preciso que eles fossem escravizados, açoitados, violentados e até mesmo mortos para que aprendessem a forma considerada correta de se estar no mundo —fosse a fé cristã, a civilização ou ambas—. No entanto, como Krenak sabe, daí seu tom irônico na epígrafe, escravizar, açoitar, violentar e assassinar nunca foram apenas sobre conversão ao cristianismo ou sobre civilizar. Essas eram sobretudo estratégias de docilizar as relações entre o invasor e o invadido. Invadido que deveria se submeter à invasão e/ou trabalhar na exploração do próprio território.

Pensadores, inclusive europeus, têm senões sobre a alardeada civilização. Em “Sobre o conceito da história” (1940), também conhecido como “Teses”, Walter Benjamin, por exemplo, opõe-se ao que chama de vencedores:

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escavar a história a contrapelo. (Benjamin 225)

Apesar de a tradução utilizar a palavra cultura, é fácil compreender que civilização seria perfeitamente viável pelo contexto dessa tese e pela presença da palavra barbárie, sua antítese. Assim como seria viável a utilização de progresso, pois Benjamin critica o que chama de “obtusa fé no progresso” (227). A tese na qual essa obtusidade é mais exposta pelo filósofo é a que segue:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. [...] Essa tempestade é o que chamamos progresso. (Benjamin 226)

Trata-se de uma interpretação do quadro de Klee de como Benjamin entende um mundo que apela ao desenvolvimento econômico como se fosse um dogma sem qualquer consequência. Aliás, o progresso e desenvolvimento têm sido palavras de grande utilização na contemporaneidade e servem para justificar a expulsão ou o genocídio dos povos originários; funcionam como atualizações de civilização e expansão da fé.

É ainda o filósofo alemão quem acrescenta: “A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha” (229). O tempo homogêneo e vazio seria aquele visto como sucessão de acontecimentos em flecha ou espiral, um *continuum*. O progresso se alimenta desse princípio, um princípio de andar à frente, de crescimento infinito. Adiante o filósofo alemão afirmará que é próprio das classes revolucionárias explodir esse *continuum* (Benjamin 230).

Como o próprio Valter Hugo Mãe afirma em um dos textos transcritos ao final do romance: “Não é minha intenção fazer antropologia, sociologia ou sequer história” (Mãe 197). Tampouco ele compõe as classes revolucionárias, mas ao encerrar sua série de epígrafes com dois pensadores indígenas contemporâneos, dedicar seu romance a um deles, bem como trazer à tona o passado colonial do ponto de vista de indígenas e africanos, ainda que ficcionalmente, ele escova a história instituída a contrapelo, inclusive no seu próprio país, afinal, o país daqueles que exploraram. O escritor português denuncia, atualiza e problematiza a violência dos seus antepassados contra os povos indígenas e africanos no Brasil. Algo similar ocorre quanto sua escolha para a última epígrafe, pois denuncia outro viés das doenças do Brasil, adquirir produtos e ideias que são vendidos como civilizados e que supostamente são imprescindíveis.

As notas ou os posfácios

Após o encerramento do romance propriamente dito, o leitor se depara com novos paratextos: quatro notas e uma breve apresentação de Valter Hugo Mãe. Notas é uma forma de interpretação dos paratextos que antecedem a apresentação, porque a palavra é utilizada no singular: “Nota do autor”. Tal título está acima de outro “Educar os vivos”. Portanto, “Meus povos”, “A casa de imaginar” e “O sino ao peito” que vêm na sequência não seriam notas. Se não são notas, o que seriam? Posfácio parece ser o conceito mais adequado para todos, inclusive para “Educar os vivos”, porque, segundo Genette:

Uma nota é um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto seja em frente seja como referência e, consequentemente, o caráter sempre local do enunciado colocado em nota, parece-me ser o traço formal que melhor distingue esse elemento de paratexto, e que o opõe, entre outros, ao prefácio – inclusive aos prefácios ou posfácios que, modestamente, se intitulam “Nota” [...]. (Genette 281)

Falta ao conjunto final de paratextos de Mãe referências claras que os relacionariam a determinados momentos do seu romance. Não que elas não possam ser encontradas, mas não estão dadas, necessitam de uma interpretação cuidadosa do leitor. Tal exercício interpretativo parece fugir da ideia do que seja uma nota nos termos que Genette expõe na citação acima. Assim sendo, nomeia-se, nesse caso, os paratextos impressos após o romance de posfácios. O teórico francês utiliza a mesma definição para prefácio e posfácio:

Chamarei aqui de prefácio toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo, que consiste em um discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede. Assim, o “posfácio” será considerado uma variedade de prefácio, cujos traços específicos, incontestáveis me parecem menos importantes do que aqueles que ele tem em comum com o tipo geral. (Genette 145)

Enquanto o prefácio de *As doenças do Brasil* coube a Conceição Evaristo por decisão do autor e/ou do editor, os posfácios são todos autorais. Isso não significa dizer que a verdade sobre o romance está com seu escritor. Em termos de literatura não existem verdades, existem interpretações e essas cabem aos leitores. A propósito, nos posfácios, o escritor não se coloca como intérprete de sua narrativa —logo, não se coloca como leitor—. Tanto que, conforme mencionado acima, o leitor terá dificuldade em ler os posfácios como notas, porque as relações com o romance não são diretas, são tangenciais.

Como nem todos os posfácios despertam o mesmo interesse neste estudo, não serão apresentados na ordem em que aparecem em *As doenças do Brasil*. Assim sendo, no terceiro posfácio, “A casa de imaginar”, Mãe se refere ao lugar no qual escreveu o livro, Paredes de Coura, Portugal, e agradece a várias pessoas que teriam, de alguma maneira, contribuído para sua escrita. O quarto e último posfácio, “O sino ao peito”, refere-se à mesma localidade e menciona seus efeitos sobre o autor: “[...] afinou minha calma e fantasiou meus jacarés, suas tocaias e seus guturais protestos contra quem invade as ilhas de três mares” (Mãe 205). Trata-se de uma referência ao jacaré que, segundo os Abaeté, morava dentro do peito de Meio da Noite e às ilhas de três mares, local onde todos eles viviam. Percebe-se assim quão longe esses paratextos estão da ideia de notas e estão bem mais próximos de posfácios, pois as alusões, mesmo quando são diretas, dizem mais respeito ao autor —e seus protestos contra invasores— do que a explicações sobre questões específicas do romance.

Por sua vez, o primeiro posfácio, “Educar os vivos”, remete ao título da primeira parte do romance “Educar os mortos”. Em *As doenças do Brasil*, aqueles que são aniquilados pelos Abaeté devem passar por um processo de integração à aldeia, para tanto, recebem um nome indígena, mesmo que não o sejam, e aprendem os costumes locais. Como estão mortos, tudo é feito de forma simbólica. Nesse posfácio há a descrição de uma cena protagonizada por um velho que “[...] no fim do caminho espalhou as cadeiras pelo campo para que ao longe imitassem o rebanho. Pastoreava as cadeiras brancas da cozinha, quietas como bichos que pasmavam perante a paisagem” (Mãe 195). Solitário, o velho julgava que: “imitar os bichos com as tralhas era modo de ter alguém. E afeiçoava também os raros gatos, dois lobos que vinham no outono, algumas aves em cada primavera. Afeiçoava flores, os cactos, até a urze, os miosótis já mais adiante no riacho” (Mãe 196). O velho sonha com

um mundo em que todos se sensibilizassem com a natureza, um mundo no qual “[...] às pessoas ser  a concreta a ternura por tanto que quer ser sem elas, sem o abate que provocam, sem a avidez infinita” (M  e 196). Pela linguagem e pelo caráter narrativo, esse texto se assemelha a um conto, todavia, além da sua localiza  o, suas possíveis rela  es com o restante do livro o mant  m na esfera do posfácio. Não   o o título que as estabelece, também seu conte  udo aponta alguns caminhos, afinal,    precisamente “a avidez infinita” uma das grandes motiva  es da coloniza  o, uma das doenças do Brasil. Os brancos do romance estão tão imbuídos da sua missão de pilhagem a qualquer preço quanto aqueles aos quais se referem as três epígrafes iniciais do livro. No romance não h  a tentativas por parte dos exploradores de expandir a f  e nem tampouco de civilizar ninguém. Essas missões que justificariam a explora  o não são nem sequer lembradas no dia a dia brutal da escraviza  o e subjugaci  o dos povos originários e africanos. Esse cotidiano    feito de castigos físicos brutais, violência sexual e extermínio dos resistentes. Portanto, não h  a nada de civilizado nem de cristão na face da coloniza  o. O romance   , nessa medida, uma represent  a  o da aus  encia da expansão da f  e e da civiliza  o, portanto,    uma den  uncia da atrocidade sem par que significou a coloniza  o portuguesa no Brasil. A propósito, as cadeiras desse primeiro posfácio-conto podem ser consideradas símbolos da civiliza  o. No entanto, não estão ali como cadeiras e sim como se fossem animais.    um retrato da contemporaneidade no qual a natureza est  a cada vez mais ausente —ou de uma natureza da qual o ser humano se ausentou, negando inclusive sua animalidade—. Para compensar essas aus  encias    preciso emular a natureza com artifícios da civiliza  o, artifícios que foram produzidos às custas dessa mesma natureza que agora emulam.

Esse caráter de den  uncia de um mundo que teria sido corrompido —certamente não o único do romance—, est  a formulado no segundo posfácio, “Meus povos”. Essa expressão    utilizada no plural por Meio da Noite em várias passagens de *As doenças do Brasil* para se referir aos seus. O autor justifica o uso do plural, mas não o da personagem e sim o dele próprio: “Precisava também de dizer meus povos. Meu corpo não define meu sentimento por inteiro e não pode mandar em minha pertença. Pertencemos por afeto e por fascínio” (Mãe 197). E continua: “quem    são de um lugar    pobre porque nenhum lugar    inteiro” (M  e 197). M  e revela assim que sua visão sobre o que seja o seu povo    bastante ampla e nisso se aproxima não são de Meio da Noite, sua cria  o, mas dos povos ind  igenas, que hoje

tratam uns aos outros como “parentes”, independentemente da etnia à qual façam parte. Na verdade, a ideia de pertença dos povos indígenas se estende à natureza, englobando pessoas, animais não humanos, florestas, rios, montanhas, mares, pedras.

Ainda nesse segundo prefácio, “Meus povos”, Mãe relata seu encontro com o cacique dos Anacés, etnia que vive próxima da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, Brasil, quando ele lhe teria incumbido de uma tarefa: “vá, e diga ao seu povo branco que um dia chegou aqui para nos matar, que seguimos de braços abertos para o receber como amigos” (Mãe 198). A partir desse momento teria surgido em Mãe a necessidade de denunciar, de contar aos portugueses o que foi feito aos indígenas e aos africanos no Brasil:

Eu senti que não poderia jamais escapar daquele sentimento de urgência que em Portugal, esse futuro sempre europeu, não se sente. É, sim, fundamental que saibamos o impacto do passado no presente. É importante essa consciência para terminar seus efeitos e começar a mais elementar solidariedade. Ao menos, a solidariedade, contra toda a agressão, espoliação e assassinato a que sujeitam ainda os povos originários, esses que são o Brasil original, o Brasil sem as doenças brancas que quase os extinguiram. (Mãe 198)

Retoma-se assim o título do romance por uma interpretação do seu autor —ou pela justificativa da sua escolha—. Ao menos duas leituras se abrem aqui. Na primeira, as doenças que os portugueses levaram ao Brasil seriam físicas e, na segunda, podem ser pensadas como a ambição desenfreada por riquezas, sempre escamoteada pela suposta nobre missão de expandir a fé cristã em um primeiro momento e a civilização na continuidade. Esta segunda leitura vai na mesma direção daquela formulada pelo padre Vieira na epígrafe central do livro.

O espírito de denúncia do escritor é reiterado ainda uma vez: “Como poderiam estar ao serviço as matas e as águas grandes da Amazônia, os bichos e os corpos das pessoas que jamais esperaram ver brancos e, sobretudo, terem-nos como donos, autoridades, ferozes companhias, prepotentes assassinos” (Mãe 199). Mãe traduz assim um pouco do impacto negativo da chegada dos portugueses ao Brasil. E, para além dos povos indígenas, o escritor estende sua solidariedade aos africanos, mas há um porém que emula a realidade, como ele próprio admite:

Como a maioria das [histórias] feitas pelos brancos, quis muito que sobrasse uma espécie de rasura, a impressão de ausência como se o negro houvesse de ser um elemento usado e deitado ao esquecimento. Julgo que apenas com a morte do meu pai chorei como à escrita de alguns destes capítulos e teve sempre que ver com a figura de Meio da Noite, essa sombra que nunca se ensimesmou o bastante, mas favoreceu seu irmão. Admito que me apaixonei por completo pelo guerreiro desiluminado. Fazer com que o livro seja uma ingrata forma de contar uma história negra é uma crueldade que sinto ser necessária. É necessário atentar como em quase tudo apagamos os negros que foram, afinal, presentes e fundamentais. (Mâe 199)

No fundo, essa declaração não explica apenas a incompletude narrativa sobre Meio da Noite. Explica também a incompletude de todas as narrativas, até mesmo aquela feita sobre os Abaeté.

Considerações finais

Por meio da metáfora da doença, todas as epígrafes apontam de uma forma ou de outra para a violenta colonização portuguesa no Brasil. As doenças metafóricas (ou não) pairam onipresentes desde o título, atravessam o corpo do livro. No prefácio, Conceição Evaristo indaga sobre elas. Na primeira epígrafe, o projeto dos exploradores —que se mostrará doentio— está posto. Na segunda e na terceira, os autores denunciam um problema na execução do projeto: o rei e seu território de além-mar estão em prejuízo porque a ganância dos indivíduos supera os interesses do reino e isso, para Vieira, é uma doença que terminará por matar o doente —a colônia da qual emana a riqueza—. No entanto, o orador não percebe o empreendimento colonial como a doença, o problema é localizado em súditos mal-intencionados. Na quarta epígrafe, Davi Kopenawa destaca a memória dos povos indígenas. Está implícito que a memória não permitirá que a violência (causada pela doença da cobiça europeia) seja esquecida. E, na última epígrafe, Krenak pontua ironicamente a civilização como um ideal que interessaria ao mundo inteiro. Essa mesma civilização que teria servido, junto com a expansão da fé cristã, como desculpa para a colonização —que por sua vez é quase um eufemismo para a ganância—.

O conteúdo do romance retoma vários aspectos das epígrafes, sobretudo o entendimento por parte dos Abaeté de que é a cobiça o grande motor da invasão dos brancos ao seu território. Por isso foi dito no início deste estudo que as epígrafes complementam *As doenças do Brasil*, elas o complementam.

Em um dos posfácios escritos por Valter Hugo Mãe a doença retorna, abrindo-se dessa vez para uma ambiguidade. Estaria o escritor falando das doenças físicas levadas pelos portugueses ao Brasil e que dizimaram etnias indígenas inteiras ou da ganância como se fosse uma doença, repetindo assim o cerne da epígrafe de Vieira? Não se sabe com certeza. O que se sabe é que ambas as leituras, como o livro mostra, são possíveis e que a última se apresenta como possibilidade ainda maior, pois é reiterada nos paratextos e no conteúdo.

Note-se que ao repetir as doenças em vários paratextos e no romance, o escritor produz uma alegoria de espalhamento do problema, uma contaminação que não se limitou aos portugueses —ou aos espanhóis, franceses e ingleses— do período colonial, tampouco às suas vítimas de então. Na verdade, o ímpeto explorador se expandiu de tal forma que hoje é praticado por grandes corporações nacionais ou transnacionais com maior ou menor anuência desse ou daquele governo e mantém os descendentes daquelas vítimas do passado sob constante ameaça.

Obras citadas

- Benjamin, Walter. “Sobre o conceito da História”. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1996, págs. 222-232.
- Compagnon, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007.
- Derrida, Jacques. *A farmácia de Platão*. 2. ed. Tradução de Rogério Costa. São Paulo, Iluminuras, 1997.
- Elias, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994, vol. 1.
- Genette, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2009.
- Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

- M  e, Valter Hugo. *As doenças do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2021.
- Mignolo, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradu  o de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.
- Nogueira, Carlos. *As doenças do Brasil: Valter Hugo M  e*. Porto, Porto Editora, 2021.
- Sontag, Susan. *Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas*. Tradu  o de Rubens Figueiredo e Paulo Henriques Britto. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

Sobre la autora

Josalba Fabiana dos Santos    professora titular na Universidade Federal de Sergipe desde 2006. Concluiu a gradua  o (1991) e o mestrado (1998) na Universidade Federal do Paraná em Letras, o doutorado (2004) e o pós-doutorado (2013) em Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais e um recente pós-doutorado (2023) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, todas institui  es brasileiras. Seus interesses de pesquisa atuais estão em torno da presença de indigenas na literatura.